

O Processo Decisório na Criação de Unidades que Agregam Valor à Produção Agropecuária

As Agroindústrias Familiares

Cristian Rogério Foguesatto¹
João Armando Dessimon Machado²

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2017.39.301-319>

Resumo

Entre outras definições, no cenário brasileiro a agricultura familiar caracteriza-se por seu papel relevante em termos sociais e econômicos. Nesse contexto, porém, muitos agricultores tomam a decisão de realizar outras atividades, inclusive não agrícolas, como as agroindustriais. Sendo assim, o objetivo desse estudo é caracterizar os indivíduos tomadores de decisão e os estabelecimentos que agregam valor à produção, e também identificar os principais fatores que influenciam a tomada de decisão para a criação das agroindústrias familiares. A pesquisa foi realizada com 72 agroindústrias familiares localizadas no estado do Rio Grande do Sul. Em termos gerais, levando em consideração a principal matéria-prima utilizada nas agroindústrias, as mesmas podem ser de origem mista (animal e vegetal), animal e vegetal. Além disso, a perspectiva de aumentar a renda familiar agregando valor à matéria-prima foi o principal motivo para a implementação dessas unidades de produção.

Palavras-chave: Agroindustrialização. Geração de renda. Tomada de decisão.

¹ Doutorando em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). cristian_rogeriof@hotmail.com

² Doutor em Economia Agroalimentar pela Universidade de Córdoba/Espanha. Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e em Agronegócios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). joao.dessimon@ufrgs.br

DECISION MAKING IN CREATION OF ORGANIZATIONS THAT AGGREGATE VALUE TO PRODUCTION: THE FAMILY AGROINDUSTRIES

Abstract

Brazilian family farming is characterized by its important role, analyzing social and economic issues. However, many of these farmers make the decision to develop other activities, including non-agricultural activities. The aim of the study is to analyze the profile of agroindustries decision makers, these family organizations, and identify the main factors that influenced the creation of family agroindustries. The study comprises 72 family agroindustries from Rio Grande do Sul State. The study highlights the existence of three agroindustries groups: animal, vegetable and those that using animal and vegetable raw material (mix). Furthermore, the prospect of increasing family income adding value to the raw material was the main reason for the implementation of these production units.

Keywords: Agroindustrialization. Income generation. Decision making.

Os debates sobre as atividades de agregação de valor (agroindustrialização) dos produtos agropecuários produzidos no ambiente agrícola familiar vêm se ampliando nos últimos anos. Entre os temas que emergem nesse contexto destacam-se os voltados a analisar a importância dos processos agroindustriais, no sentido de desenvolver melhores condições sociais e econômicas. Em linhas gerais, além de uma maior inserção social, as agroindústrias podem contribuir para a geração de renda na agricultura familiar por meio da elaboração artesanal de produtos caracterizados como diferenciados.

As agroindústrias familiares podem ser classificadas como organizações formais ou informais, e o desenvolvimento de tais atividades envolve a decisão dos membros da família sobre assumir e desempenhar diversos papéis como agentes que compõem um sistema de produção complexo. Assim, os indivíduos podem se envolver em processos que vão desde a produção primária até a etapa de comercialização do produto (MATEI, 2015).

Nas experiências mais promissoras, a agroindústria familiar promove a união dos indivíduos participantes, constituindo e consolidando redes e cooperativas de comercialização dos produtos, atendendo, inclusive, grandes redes de mercados (SULZBACHER; NEUMANN, 2014). A partir desses apontamentos, o espaço rural não pode mais ser definido como um local exclusivo de atividades agrícolas, uma vez que nos estabelecimentos onde ocorrem atividades como as agroindustriais, os indivíduos realizam atividades não-agrícolas (WILKINSON, 1999).

No Rio Grande do Sul, segundo a Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo (RIO GRANDE DO SUL, 2012), estima-se que existam 8.160 unidades agroindustriais familiares, e, destas, 560 são formalizadas. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é caracterizar os indivíduos tomadores de decisão e os estabelecimentos que agregam valor à produção agropecuária, e também, identificar os principais fatores que influenciam a tomada de decisão para a criação das agroindústrias familiares.

Agroindústria Familiar

Inicialmente, é importante deixar clara a definição de agricultura familiar. Pelegrini e Gazolla (2008) caracterizam essa categoria de agricultura como uma forma de produção e trabalho que detém uma relativa autonomia decisória em relação à alocação de elementos produtivos, levando em conta o contexto social e econômico em que está inserida. Por sua vez, Abramovay (1998) afirma que na agricultura familiar a maior parte da força de trabalho provém de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou casamento. Além disso, o estabelecimento deve ter tamanho máximo de quatro módulos fiscais, considerando que essa delimitação varia de 5 a 110 ha, conforme a localização do município (LANDAU et al., 2012).

Em virtude de obterem resultados econômicos considerados insuficientes, muitos agricultores familiares se viram impossibilitados de seguir realizando somente atividades agrícolas. Em decorrência dessas condições, nos últimos anos vem aumentando o número de famílias que deixaram de depender exclusivamente do setor agropecuário (WESZ JUNIOR, 2009). Sendo assim, uma das alternativas encontradas por esses produtores foi a agregação de valor à produção de origem agropecuária, ou seja, a criação de agroindústrias familiares.

Em relação ao conceito, a agroindústria familiar é descrita por Pelegrini e Gazolla (2008) como uma atividade onde se realiza a transformação de produtos agropecuários, sendo esses processos, construções da própria história dos envolvidos nas atividades agroindustriais. Os autores também apontam que essas atividades resultam na valorização do meio rural local, por meio do folclore, da gastronomia e do turismo.

No Rio Grande do Sul a definição para essas unidades produtivas, conforme a Lei nº 13.921 de 17 de janeiro de 2012, a qual institui a Política Estadual de Agroindústria Familiar (Peaf), está descrita da seguinte forma no artigo 2º:

– *agroindústria familiar*: empreendimento de propriedade ou posse de agricultor(es) familiar(es) sob gestão individual ou coletiva, localizado em área rural ou urbana, com a finalidade de beneficiar e/ou transformar matérias-primas provenientes de explorações agrícolas, pecuárias, pesqueiras, aquícolas, extrativistas e florestais, abrangendo desde os processos simples até os mais complexos, como operações físicas, químicas e/ou biológicas;

– *agroindústrias familiares de pequeno porte de processamento artesanal*: os estabelecimentos agroindustriais com pequena escala de produção dirigidos diretamente por agricultor(es) familiar(es) com meios de produção próprios ou mediante contratos de parceria, cuja produção abranja desde o preparo da matéria-prima até o acabamento do produto, seja realizado com o trabalho predominantemente manual e que agregue aos produtos características peculiares, por processos de transformação diferenciados que lhes confirmam identidade, geralmente relacionados a aspectos geográficos e históricos culturais locais ou regionais (RIO GRANDE DO SUL, 2013).

É importante salientar que, de acordo com especialistas, a distinção entre agroindústria familiar rural e urbana não é relevante. Nesse contexto, Ruiz et al. (2002) argumentam que as atividades realizadas nessas organizações geralmente são as mesmas, sendo distintas apenas as características do local onde se encontram.

Merecem destaque, também, as diferenças entre a agroindústria familiar rural e as atividades de processamento de alimentos. A agroindústria familiar rural é uma organização na qual a família rural agrega valor ao produto utilizando equipamentos e instalações específicas, seguindo normas e recomendações sanitárias, visando, sobretudo, à produção de valor de troca que se realiza no ato da comercialização. Por outro lado, a atividade de processamento de alimentos tem como objetivo principal o autoconsumo (MIOR, 2005).

Estudos como o de Gazolla (2012), destacam a importância econômica da agroindústria familiar. O autor destaca informações sobre a renda bruta anual dessas unidades produtivas, apresentando casos onde os resultados ultrapassam o valor de 100 mil reais. A partir dessas informações, por ter condições de impulsionar a geração de renda e as condições sociais de maneira geral, o processo de tomada de decisão na agroindústria familiar deve ser realizado com um olhar holístico, a fim de alcançar os objetivos dos envolvidos nessas atividades.

O Processo Decisório

Durante toda a vida o ser humano está tomando decisões, seja a partir de alternativas percebidas ou buscando atender um determinado objetivo. Dessa forma, em virtude da sua importância nas ações pessoais e organizacionais, estudos relacionados ao processo decisório merecem papel de destaque na sociedade contemporânea.

A tomada de decisão é composta por quatro etapas: i) inteligência – é a fase inicial; nela ocorre a identificação de determinada situação e a busca por informações, com o objetivo de encontrar problemas e oportunidades; ii) concepção – realiza-se a análise e criação de soluções com base nas alternativas disponíveis; iii) escolha – etapa de ação, quando ocorre a seleção de determinada alternativa visando a atingir o melhor resultado possível; e iv) revisão – é a última fase, onde são revisadas decisões passadas (SIMON, 1972). Ainda, Lousada e Valentim (2011) explicam que a importância sobre os reflexos do processo decisório é indiscutível para a sociedade atual, visto que as organizações necessitam cada vez mais de decisões rápidas e acertadas.

No processo decisório os indivíduos não são totalmente racionais. Essa condição é caracterizada como racionalidade limitada (Simon, 1965). Explicando o porquê de o comportamento do tomador de decisão não possuir caráter racional pleno, Simon (1965) destaca os seguintes fatores: i) a racionalidade requer o conhecimento completo, antecedendo as repostas de cada

escolha; ii) como as conseqüências são resultados futuros, a imaginação deve suprir a falta de percepção vivida em impor valor a elas; e iii) a racionalidade demanda uma escolha entre todas as alternativas possíveis, entretanto o ser humano é incapaz de perceber todas elas.

Na percepção de Robbins (2005), a racionalidade limitada é entendida como a construção simplificada de elementos, levando em consideração aspectos essenciais de determinada situação, sem obter toda a complexidade, valorizando os aspectos relevantes percebidos. Dessa forma, a condição de racionalidade limitada não significa que o ser humano deixe de ser racional na realização de suas ações, mas, em virtude de suas limitações, na tomada de decisão é impossível perceber e analisar todas as possibilidades disponíveis (SIMON, 1965). Lee (2011) ainda menciona que a fronteira entre as limitações racionais e o ambiente pode variar, uma vez que a complexidade da racionalidade limitada é dependente da estrutura do ambiente.

Metodologia

A população analisada realiza as atividades de agregação de valor dos produtos agropecuários no Rio Grande do Sul. A justificativa para a escolha desse Estado se deve em virtude da importância dessas atividades, que, entre outros fatores é evidenciada por meio do desenvolvimento de políticas públicas, como o Peaf.

O indivíduo respondente da pesquisa é aquele que afirmou ser o responsável pela tomada de decisão nas atividades agroindustriais familiares. Ou seja, embora em dois casos os casais de agricultores familiares tenham afirmado realizar tais processos de forma conjunta, considerou-se apenas um respondente por unidade de produção. Dessa forma, a amostra constituiu-se de 72 indivíduos (72 agroindústrias familiares), que foram detectados de forma não probabilística com o auxílio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) dos municípios de Ajuricaba e Ijuí, e da Federação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf).

Os questionários foram aplicados em feiras do produtor (realizadas semanalmente, muitas vezes nas sedes dos municípios), na 6ª Feira de Negócios da Indústria de Ijuí (Fenii), nas próprias agroindústrias familiares e por meio do contato via *e-mail*, conforme é possível observar na Tabela 1.

Tabela 1 – Quantidade e forma de aplicação dos questionários

Forma/Local	Quantidade
E-mail	44
Visita na agroindústria familiar	13
Fenii	12
Feiras do produtor	3

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Conforme os dados da Tabela 1, 28 questionários foram respondidos por meio de contato pessoal entre os pesquisadores e o respondente, ou, segundo Gebreegzabher e Tadesse (2014), a partir de procedimentos *face to face*. Os demais foram obtidos por *e-mails*. Ao todo foram enviados 246 *e-mails* com o questionário em formato Google Docs, retornando 47 respondidos, e, destes, três foram excluídos em razão do preenchimento incompleto ou inadequado, resultando em um *feedback* de 17,88% de questionários adequados.

Análise e Discussão dos Resultados

Caracterização dos Tomadores de Decisão

De forma inicial, buscou-se caracterizar o perfil dos responsáveis pela tomada de decisão nas agroindústrias familiares. As informações coletadas nesse contexto baseiam-se em características como sexo, idade, estado civil, escolaridade, município onde realiza tais atividades e área (em ha) da propriedade.

A respeito do sexo, os resultados apontam que 39 indivíduos, ou seja, 54,2% da amostra são homens. Nesse sentido, Boni (2006) argumenta que, apesar de o trabalho da mulher ter grande importância nos processos agroindustriais, os rendimentos e a administração em geral, em muitos casos, são gerenciados pelo chefe familiar, reproduzindo relações onde o patriarca é o agente decisor. A autora ainda descreve que, em relação às mulheres, o trabalho, que antes era realizado na lavoura, passa a ser feito perto ou dentro da casa, compatibilizando as atividades agrícolas, domésticas e agroindustriais.

Em relação à localização geográfica, a amostra está “pulverizada” no Estado em virtude da metodologia não probabilística que foi adotada. A amostra compreende os seguintes municípios:

- um respondente – Agudo, Antônio Prado, Barros Cassal, Bento Gonçalves, Carazinho, Carlos Barbosa, Crissiumal, Entre-Ijuís, Erechim, Estrela, Faxinal do Saturno, Imbé, Imigrante, Joia, Lajeado, Marques de Souza, Maximiliano de Almeida, Nova Prata, Paraí, Pareci Novo, Passo Fundo, Riozinho, Salvador das Missões, Santa Tereza, Santo Ângelo, Santo Augusto, São José do Herval, São Lourenço do Sul, São Valentim do Sul, Silveira Martins, Turuçu, Vale do Sol, Vera Cruz e Viadutos.
- dois respondentes: Aratiba, Bozano, Cacequi, Pouso Novo e Sarandi.
- três respondentes: Augusto Pestana e Nova Roma do Sul.
- 11 respondentes: Ajuricaba e Ijuí.

A Tabela 2 apresenta informações sobre a idade, área da propriedade, escolaridade e estado civil dos respondentes. Esses dados estão organizados por meio de medidas de frequência, localização e variabilidade.

Tabela 2 – Estatística descritiva dos indivíduos responsáveis pelo processo decisório nas agroindústrias familiares

Variável	Frequência	Média	Mín.	Máx.	DP ^c
Idade (anos)	-	42,56	21	78	12,66
Área ha (própria)	-	13,53	0	68	13,17
Área ha (arrendada)	-	1,93	0	27	4,8
Área total	-	15,47	0,5	68	13,27
Escolaridade ^a (%)	18/7/4/39/9,7/19,3/2,8	-	-	-	-
Estado civil ^b (%)	19,44/79,16/1,4	-	-	-	-

^a Ens. Fundamental Incompleto; Ens. Fundamental; Ens. Médio Incompleto; Ens. Médio; Ens. Superior Incompleto; Ens. Superior; Pós-Graduação.

^b Solteiro (a); Casado (a); Separado (a).

^c Desvio padrão.

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Com base na variável idade, a amostra possui um intervalo de 57 anos, variando entre 21 e 78 anos de idade. No que condiz ao tamanho da propriedade, por mais que existam diferenças entre os municípios em relação ao tamanho dos módulos fiscais, todos se enquadram como agricultores familiares. Os três maiores estabelecimentos possuem respectivamente 68 ha, 60 ha e 48 ha, estando localizados nos municípios de Augusto Pestana, Ajuricaba e Sarandi, todos com módulo fiscal com tamanho de 20 ha.

Em relação à escolaridade, cabe destacar que 25% dos respondentes cursaram apenas o ensino fundamental, porém 18% não o finalizaram. Os demais estão cursando ou concluíram o ensino superior ou a pós-graduação em uma das seguintes áreas: administração (seis), tecnologia em viticultura e enologia (dois), agronomia, ciências contábeis, ciências econômicas, engenharia de alimentos, gestão ambiental, gestão pública, marketing, nutrição, planejamento e gestão em desenvolvimento rural, processos gerenciais, química de alimentos, tecnologia em alimentos e zootecnia.

Caracterização das Agroindústrias Familiares

Em relação à caracterização das agroindústrias familiares ressalta-se que estudos desenvolvidos nessa área, como o de Prezotto (2002) e Ruiz et al. (2002), destacam a expressividade dessas atividades em contextos regionais, buscando mensurar elementos que constituem seus perfis. Sendo assim, a Tabela 3 apresenta informações a respeito da mão de obra e do período (em anos) de existência das agroindústrias familiares.

Tabela 3 – Período de existência e mão de obra utilizada das agroindústrias familiares

Variável	Média	Moda	Mín.	Máx.	DP ^c
Período de existência (anos)	8,9	10	0,5	30	6,21
Mão de obra familiar ^a	3,03	2	1	7	1,39
Mão de obra contratada ^{a,b}	2,41	1	1	6	1,44
Mão de obra total ^a	3,95	2	2	11	2,10

^a Não se levou em consideração colaboradores sazonais, apenas os fixos.

^b Indivíduos da família ou não que recebem renda regularmente.

^c Desvio padrão.

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

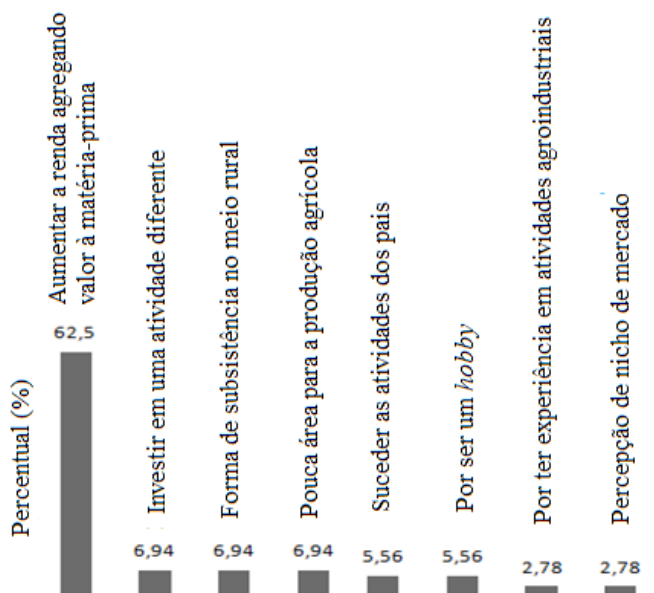
Levando em consideração os valores apresentados, é possível perceber que existem agroindústrias que foram criadas recentemente, sendo que há uma com menos de um ano de existência. Por outro lado, o período médio de existência é de quase 9 anos, e a agroindústria mais antiga existe há 30 anos.

De forma ampla, observa-se que a média da mão de obra total é de aproximadamente 4 colaboradores, variando de 2 a 11. Nesse sentido, convém salientar que apenas 27 agroindústrias familiares contratam colaboradores, e, dessas, 4 apenas contratam em determinadas semanas ou meses (contratações sazonais), e no restante do ano utilizam apenas a força de trabalho familiar. Em três casos, além das contratações fixas também ocorrem às contratações sazonais. Por exemplo, entre esses casos há uma agroindústria familiar que produz vinho. Nessa unidade produtiva no período da safra de

uva há a contratação de 25 funcionários (quantidade que varia anualmente de acordo com a produção). Além disso, quatro agroindústrias familiares empregam (ano todo) mais pessoas contratadas do que membros da família.

Em relação à localização, mais de 93% das agroindústrias familiares estão localizadas no meio rural. Outra informação que merece destaque é a formalização da atividade agroindustrial. Cerca de 92% das agroindústrias familiares analisadas estão formalizadas. Quanto às motivações para a criação desses empreendimentos é possível observar, no Gráfico 1, quais as principais, ou seja, quais os fatores que estimularam o produtor rural na tomada de decisão para a criação das agroindústrias familiares.

Gráfico 1 – Principais motivações para a criação das agroindústrias familiares



Fonte: Dados da pesquisa (2015).

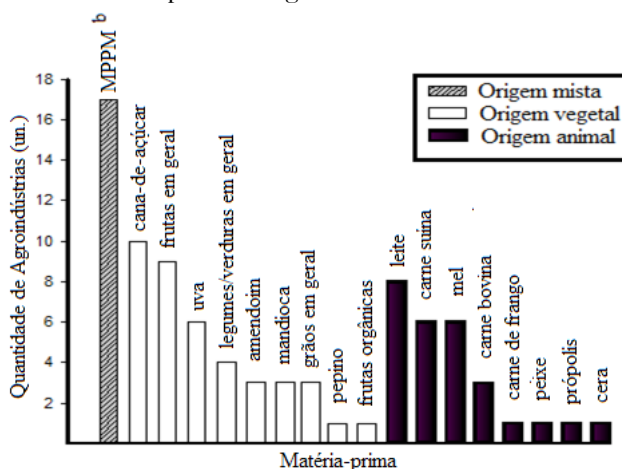
Com base nos dados, constata-se que a maximização da renda a partir da industrialização da matéria-prima é a principal motivação para a criação das agroindústrias familiares. Esse cenário vem ao encontro de estudos como

o de Prezotto (2002), Ruiz et al. (2002) e Gazolla (2012). Nessa perspectiva, na presente pesquisa quase 20% dos respondentes afirmaram que 100% da sua renda total é obtida por meio da agroindústria familiar.

Em um segundo plano, de menor proporção, ressalta-se o investimento em uma atividade diferente (busca pela diversificação das atividades), forma de subsistência no meio rural e pela pouca área de terra para o uso agropecuário. Na sequência, destaca-se a sucessão hereditária das atividades agroindustriais, buscando, em alguns casos, dar continuidade à tradição e a afirmação de que a atividade agroindustrial é um *hobby*. Os dois motivos de menor representatividade apontam a experiência do indivíduo em atividades agroindustriais e a percepção de nichos de mercados, incluindo produtos voltados para o mercado de alimentos orgânicos.

A partir dessas informações, o Gráfico 2 apresenta as principais matérias-primas utilizadas nas agroindústrias familiares analisadas. Elas estão divididas em três categorias: origem vegetal, animal e mista.

Gráfico 2 – Principais matérias-primas utilizadas na elaboração dos produtos agroindustriais^a



^a Com exceção da MPPM, considerou-se a principal fonte de matéria-prima.

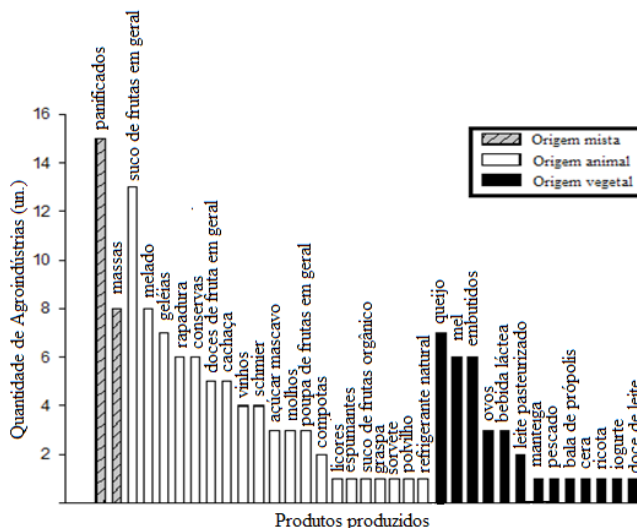
^b Matérias-primas utilizadas na produção de massas e panificados (farinha de trigo e de milho, fermento, ovos, leite, frutas, especiarias, gordura animal, óleo de soja, manteiga e açúcar).

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

De maneira inicial, é importante deixar claro que o somatório das fontes de matérias-primas é de 84, em virtude de que nove agroindústrias familiares consideram mais de um tipo de matéria-prima como a principal no processo de agregação de valor. No que se refere às frutas nativas, frutas orgânicas e legumes/verduras, os indivíduos não responderam de forma específica quais são os produtos utilizados, ou, então, responderam de forma ampla, como, por exemplo, diversos legumes, frutas e verduras.

É possível afirmar que as cinco fontes de matérias-primas mais usadas (matérias-primas utilizadas na produção de massas e panificados – MPPM – cana-de-açúcar, frutas em geral, uva e leite) representam mais de 60% do total dos produtos utilizados. Além disso, de forma geral, percebe-se a diversidade das matérias-primas. Na sequência, o Gráfico 3 apresenta os principais produtos produzidos nesses estabelecimentos familiares. De forma semelhante ao Gráfico 2, os produtos elaborados nas agroindústrias familiares estão divididos em três categorias: origem vegetal, animal e mista.

Gráfico 3 – Produtos produzidos nas agroindústrias familiares



Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Com base nas informações apresentadas, nota-se a diversidade dos produtos produzidos nas agroindústrias familiares. Nesse contexto, é importante explicar algumas especificidades a respeito desses produtos. Em relação ao queijo, há a fabricação dos tipos colonial, mussarela, parmesão e prato; o pescado é congelado, fresco ou sem pele; o polvilho é produzido na forma doce ou salgado; a cachaça é envelhecida ou prata e o mel é comercializado em potes de 1 quilograma, 500 gramas ou 250 gramas. Ainda, no que condiz a algumas nomenclaturas, os embutidos são salames e linguças mistas (carne suína e bovina), e a graspa é um tipo de aguardente oriunda da uva.

Há também outras distinções, como entre a bebida láctea e o iogurte. A bebida láctea é um alimento composto por 51% de soro de leite e é menos nutritiva que o iogurte. Segundo Santos et al. (2008), no Brasil a produção de bebida láctea é uma das principais opções de aproveitamento do soro do leite. Já o iogurte, geralmente é fabricado a partir do leite que, na maioria dos casos, é bovino.

Em relação à *schmier* (chimia), de acordo com a Comissão Nacional de Normas e Padrões para Alimentos – CNNPA (1978), trata-se de um produto elaborado utilizando-se a polpa de fruta e açúcar, enquanto que a geleia é o produto obtido pela cocção de frutas inteiras ou em pedaços, polpa ou suco de fruta, com açúcar e água e concentrado até a consistência gelatinosa, podendo sofrer a adição de glicose ou açúcar invertido, sendo tolerada a adição de acidulantes e pectina.

Em relação à condição atual das agroindústrias, foi analisado se, desde sua criação, elas evoluíram, mantiveram-se ou regrediram. Constatou-se que 87% dos respondentes afirmam que houve evolução, 10% apontam que a atividade se manteve na mesma condição e 3% destacam que ela regrediu, e os motivos para tais resultados estão contidos no Quadro 1.

Quadro 1 – Justificativa da situação atual das agroindústrias familiares

Condição atual	Compilação das justificativas
Evoluiu	Aumento da produção; construção de locais voltados exclusivamente para as atividades agroindustriais; aumento nas ampliações do local de produção, aquisição de equipamentos; aumento na demanda; aumento na receita; inovação e diversificação; percepção do mercado de orgânicos; conquista de prêmios em virtude da qualidade dos produtos; tornou-se uma atividade formal; adequação para obtenção de selos (aumento da credibilidade); aprendizado mediante cursos, crédito disponível por meio de políticas públicas.
Manteve-se	Apesar do aumento no preço do produto final, a inflação dos últimos anos faz com que os rendimentos da atividade permaneçam os mesmos.
Regrediu	A partir da formalização houve a necessidade de mais investimentos, resultando na necessidade de maior produção para obter resultados lucrativos.

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Percebe-se que vários fatores são caracterizados como aqueles que resultaram na evolução da atividade agroindustrial familiar; por outro lado, a formalização dessas atividades apresenta-se como um paradoxo, e foi destacada por um respondente como principal causa do retrocesso da unidade produtiva. Por fim, a justificativa do grupo que afirmou que as atividades se mantiveram estáveis levou em consideração o cenário econômico dos últimos anos, representado pelos níveis de inflação.

Conclusão

Dentre as atividades realizadas nos estabelecimentos agrícolas familiares, destacam-se os processos de agregação de valor à produção, tanto para o autoconsumo quanto para a comercialização. Nesse sentido, emergem as atividades agroindustriais familiares como alternativas na busca da reprodução social e econômica.

Em relação ao perfil da amostra, mais da metade é do sexo masculino. Ressalta-se, também, que a área média da propriedade é de pouco mais de 15 ha, e aproximadamente 32% dos respondentes estuda no nível superior

ou já o concluiu. Analisando o perfil das agroindústrias familiares, estas têm, em média, quase nove anos de existência e possuem mão de obra familiar e contratada e, nesse sentido, há unidades produtivas que realizam contratações sazonais em virtude do período da safra de determinados produtos e outras que contratam o ano todo.

O estudo evidenciou três grupos de origem de matérias-primas: animal, vegetal e misto. Nesse contexto, criou-se a sigla MPPM para evidenciar as matérias-primas do grupo misto. Com base nessas análises, é possível observar a gama de matérias-primas utilizadas nos processos agroindustriais e a diversidade de produtos elaborados para a comercialização.

O principal motivo para a criação das unidades agroindustriais é o econômico. Mais de 60% dos respondentes afirmam que a perspectiva do aumento da renda foi determinante para o desenvolvimento dessa “nova” atividade. Ainda, aproximadamente 90% dos respondentes destacam que, com o passar dos anos, ocorreram evoluções nessas atividades de agregação de valor à produção.

Apesar de a amostra ser não probabilística, com os resultados da pesquisa, e levando em consideração os estudos aqui citados, percebe-se a importância da agroindústria familiar no estado do Rio Grande do Sul, contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar enquanto fonte de agregação de valor econômico e social.

Referências

- ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e serviço público: novos desafios e extensão rural. Brasília. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, v. 15, n. 1, p. 132-152, jan./abr. 1998.
- BONI, V. Gênero: o doméstico e o produtivo na agroindústria familiar. In: CONFERÊNCIA DE SOCIOLOGIA RURAL, 7., 2006, Quito. *Anais...* Equador: Irsa, 2006.
- COMISSÃO NACIONAL DE NORMAS E PADRÕES PARA ALIMENTOS. CNNPA. *Resolução n.12 de 1978*. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/anvisa/legis/resol/12_78.htm>. Acesso em: 12 ago. 2015.

GAZOLLA, M. *Conhecimentos, produção de novidades e ações institucionais: cadeias curtas das agroindústrias familiares*. 2012. Tese (Doutorado – Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GEBREEGZIABHER, K.; TADESSE, T. Risk perception and management in smallholder dairy farming in Tigray, Northern Ethiopia. *Journal of Risk Research*, v. 17, n. 3, p. 367-381, 2014.

LANDAU, E. C. et al. *Variação geográfica do tamanho dos módulos fiscais no Brasil*. Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo, 2012.

LEE, C. Bounded Rationality and the Emergence of Simplicity Amidst Complexity. *Journal of Economic Surveys*, v. 25, n. 3, p. 507-526, 2011.

LOUSADA, M.; VALENTIM, M. L. Modelos de tomada de decisão e sua relação com a informação orgânica. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.16, n. 1, p. 147-164, jan./mar. 2011.

MATEI, A. P. *Os processos de inovação e as interações nas agroindústrias familiares em regiões do Brasil e da Itália*. 2015. Tese (Doutorado – Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MIOR, L. C. *Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural*. Chapecó: Argus, 2005.

PELEGRINI, G.; GAZOLLA, M. *A agroindústria familiar no Rio Grande do Sul: limites e potencialidades a sua representação social*. Frederico Westphalen: URI, 2008.

PREZOTTO, L. L. Uma concepção da agroindústria rural de pequeno porte. *Revista de Ciências Humanas*, n.31, p. 133-153, abr. 2002.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo. *Sabor gaúcho*. 2012. Disponível em: <http://www.sdr.rs.gov.br/upload/20121114121815apresentacao_daca.pdf>. Acesso em: 1º set. 2015.

_____. Secretaria do Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo. Programa Estadual de Agroindústria Familiar. *Manual operativo*. Porto Alegre, maio, 2013. 14 p.

ROBBINS, S. P. *Comportamento organizacional*. São Paulo: Prentice Hall, 2005.

RUIZ, M. S. et al. Agroindústria familiar de Londrina. *Unopar Científica Ciências Jurídicas e Empresariais*, v.3, n.2, p.7-13, 2002.

SANTOS, C. T. et al. Influência da concentração de soro na aceitação sensorial de bebida láctea fermentada com polpa de manga. *Alimentos e Nutrição Araraquara*, v. 19, n. 1, p. 55-60, 2008.

SIMON, H. A. *Comportamento administrativo*: estudos dos processos decisórios nas organizações administrativas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1965.

_____. *A capacidade de decisão e de liderança*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972.

SULZBACHER, A. W.; NEUMANN, P. S. O social e suas dimensões em agroindústrias familiares rurais. *Extensão Rural*, v. 21, n. 3, p. 93-120, jul./set. 2014.

WESZ JUNIOR, V. J. Agroindústria familiar: um mecanismo de estímulo à especialização das atividades na propriedade rural? *Mundo Agrário*, Buenos Aires, v. 9, n. 18, 2009.

WILKINSON, J. Cadeias produtivas para a agricultura familiar. *Organizações Rurais e Agroindustriais*, v. 1, n. 1, p. 34-41, jan./jun. 1999.

Recebido em: 16/9/2015

Acceto em: 31/5/2016